

A dinâmica do voleibol sob as lentes da praxiologia motriz: uma análise praxiológica do levantamento

The volleyball dynamic through the lens of motor praxiology: a praxiological analysis of setting

FAGUNDES FM, RIBAS JFM. A dinâmica do voleibol sob as lentes da praxiologia motriz: uma análise praxiológica do levantamento. *R. bras. Ci. e Mov* 2017;25(3):134-149.

RESUMO: O objetivo desse ensaio é analisar as implicações do levantamento na lógica interna do Voleibol de modo a apontar subsídios para seu processo de ensino-aprendizagem-treinamento segundo a Praxiologia Motriz. A pesquisa, teórica e explicativa, desenvolveu-se pela utilização do Sistema de Classificação (CAI) e dos Universais, ferramentas de análise das práticas motrizes, as quais configuram a pesquisa como uma modelização. O Sistema de Classificação (CAI) considera as relações do sujeito com os demais jogadores e com o espaço para classificar as práticas motrizes a partir da sua lógica interna, ao passo que os Universais se constituem por sete modelos operativos que aprofundam a análise sobre lógica interna de jogos e esportes. Como principais resultados, percebeu-se que o levantamento é o momento em que o jogador considera maior número de interações motrizes quando comparado aos outros momentos do jogo de Voleibol, além de não apresentar predominância da comunicação ou da contracomunicação. Evidenciou-se que, mesmo que a conquista de pontos esteja atrelada à oposição, a eminência da cooperação para a organização ofensiva mostra-se cabal na lógica interna do Voleibol, o que remete a relevância do levantamento na construção ofensiva. Também foi possível burilar as diferentes possibilidades de ação do levantador a partir dos papéis assumidos por ele nos principais sistemas de jogo do Voleibol. Por fim, constatou-se a necessidade do levantador conhecer a linguagem do jogo, ao passo que suas tomadas de decisão serão baseadas nas constantes leituras de jogo. A partir disso, torna-se necessário a apropriação de um método de ensino que possibilite a inserção desses conceitos no processo de ensino-aprendizagem-treinamento, assim como se preocupe em ensinar para a compreensão do jogo, traduzindo esses elementos em estruturas didáticas pedagogicamente relacionadas e construídas com o foco no desenvolvimento pleno da manifestação esportiva.

Palavras-chave: Praxiologia Motriz; Esporte; Voleibol; Levantamento.

ABSTRACT: The aim of this research is to analyze the setting's implications in Volleyball's internal logic, in order to point out subsidies for its teaching-learning-training process according to the Motory Praxiology. The research, theoretical and explanatory, was developed by using the Classification System and Universal, analysis tools of motor practices, which sets the research as a modeling. The Classification System considers the subject's relations with other players and with the space to classify motor practices from its internal logic, while the Universal constitute seven operating models that deepening the analysis about the internal logic of games and sports. As main results, it was noted that the setting is the moment in that the player consider bigger number of motor interactions, when compared to other game times of the Volleyball and does not present predominance of communication or contracomunication. It was evident that even the conquest points is tied to the opposition, but the eminence of cooperation on the offensive organization shows up fully important in the internal logic of Volleyball, which brings the relevance of the setting on the offensive construction. It was also improve the different setter possibilities of action from the roles assumed by it in the main volleyball game systems. Finally, there was the need of the setter to know the language of the game, whereas their decision making will be based on the constant set of game readings. From that, it become necessary appropriation of a teaching method that possibility the insertion these concepts at teaching/learning process, with preoccupation in teach for game comprehension, translating these elements into educational structures that are pedagogically related and constructed with the focus on the full development of the sporting manifestation.

Key Words: Motor Praxiology; Sport; Volleyball; Setting.

Introdução

O esporte é um fenômeno sociocultural que se evidencia de forma relevante na sociedade, ao considerar sua estreita relação com a história da humanidade, que reflete as características e ideologias mais contundentes de diversas organizações sociais. Segundo a compreensão de Miron e Costa¹, autores como Mauro Betti, Manoel José Gomes Tubino, Roberto Rodrigues Paes, Go Tani, João Batista Freire, Valter Bracht, Adroaldo Gaya e Carlos Adelar Abaide Balbinotti, consentem sobre o eminente fato do esporte ser um fenômeno sociocultural e complementam que “[...] independentemente da forma como o esporte se manifeste, por sua generalização, faz parte da cultura humana” (p. 28).

No que diz respeito à prática esportiva, o Voleibol é uma das modalidades mais difundidas nacionalmente, apresentando-se como o segundo esporte mais praticado no Brasil². DaCosta³ afirma que 15,3 milhões de pessoas praticam Voleibol ocasionalmente no território nacional, nos mais diferentes âmbitos, contextos e finalidades a ele elencadas. Dessa forma, ao compreender-se que o Voleibol é um fenômeno sociocultural emergente do contexto brasileiro, torna-se necessário evidenciar sucintamente alguns aspectos históricos que contribuíram para a construção do modelo atual do Voleibol, ao caracterizar seu processo de desenvolvimento como esporte.

Idealizado por Willian Morgan, professor de Educação Física e diretor da YMCA (*Young Men's Christian Association* – no Brasil: ACM – Associação Cristã de Moços), o Voleibol surge no final do século XIX, na cidade de *Holyoke, Massachusetts*, nos Estados Unidos⁴. Sua criação foi fruto da necessidade social emergente nesse período histórico de proporcionar aos “homens de negócio”, da faixa etária entre 40-45 anos de idade, uma atividade que não apresentasse contato direto entre os jogadores e não demandasse alta capacidade física para sua prática. Dessa forma, o Voleibol surgiu como uma alternativa às demais modalidades desenvolvidas nesse período histórico (como o basquetebol, criado anos antes⁴). A difusão do Voleibol fortaleceu-se com a implementação de outras unidades da ACM em diversos países, inclusive no Brasil. Além disso, os soldados norte-americanos contribuíram nesse processo de disseminação do Voleibol durante a Primeira Guerra Mundial, ao realizar adequações às características das estruturas e aos materiais disponíveis nas situações que dispunham nos campos de concentração⁴⁻⁵.

Mesmo ao passar por várias alterações para suprir os interesses de seus praticantes, o Voleibol sempre apresentou uma característica que lhe é peculiar, a dinamicidade. Esse traço dá-se, em suma, por dois aspectos que lhe tornam singular dentre os esportes: 1) a impossibilidade de executar sucessivos toques na bola, o que evita a individualização da disputa do ponto; 2) e o uso exclusivo do ato de rebater para atuar no jogo⁶. Ao ponderar esses aspectos, as decisões dos jogadores de Voleibol são tomadas com incessante dinamismo, visto que não há a possibilidade de reter a bola, pois as ações estão subordinadas ao tempo em que ela realiza sua trajetória no ar e a restrição do número de ações por equipe. É comum que, por essas características, os jogadores priorizem a bola em detrimento aos seus companheiros e seus adversários. Todavia, por se tratar de um esporte coletivo, as interações estabelecidas entre os jogadores do Voleibol não deveria ser um elemento chave para o sucesso interventivo?

Ribas⁷, fundamentado pela Praxiologia Motriz, substancia a importância das interações motrizes no contexto do Voleibol, ao compreender que é a partir da aplicabilidade dessas relações que se possibilita o desenvolvimento de qualquer esporte ou jogo. É pouco útil a um jogador realizar um ataque potente se ele não tem a capacidade interpretar se, a partir da configuração do bloqueio e da defesa dos adversários, essa é a ação mais adequada para solucionar a situação-problema apresentada. Mesmo que tecnicamente bem realizada, essa ação pode não lograr êxito sobre a organização defensiva adversária, por falta de leitura do que ocorre no jogo. Seguidamente, optar por um ataque menos potente, ou até mesmo uma largada em um espaço vazio, pode ser mais eficaz do que o ataque com potência.

Com isso, a equipe deve cooperar entre si e dificultar as ações e leituras dos adversários, opondo-se a eles a todo momento⁷. Ao evidenciar-se essas interações motrizes de cooperação e oposição, percebe-se que o levantador estabelece ambas relações no decorrer do jogo, ao considerar que a organização ofensiva da equipe (ou distribuição) é

sua função principal, o que torna suas ações e decisões estreitamente articuladas com a sua equipe e a equipe adversária, o que remete a relevância de sua figura para dinâmica do Voleibol. Nesse sentido, esses elementos são peças chave para o desenvolvimento do levantamento em qualquer processo de ensino-aprendizagem-treinamento, ao considerar sua primordialidade para eficiência dessa ação no contexto do jogo. A precisão da ação motriz de levantar é condição necessária para o êxito do levantamento, porém, só se torna eficiente quando esta for orientada pelo processo de leitura e tomada de decisão, visando facilitar as ações dos atacantes ou colocar a bola na quadra adversária (ataque de segunda).

Com base nas interações motrizes que o levantador estabelece no Voleibol, a Praxiologia Motriz mostra-se como uma estruturada área de conhecimento que estuda, dentre outros aspectos, as interações estabelecidas nas práticas motrizes. Com isso, constatou-se a necessidade de aprofundar a compreensão sobre as interferências que as interações motrizes estabelecidas pelo levantador acarretam na dinâmica do Voleibol. Dessa maneira, têm-se como objetivos nesse ensaio: analisar as implicações do levantamento na lógica interna do Voleibol e sistematizar subsídios para o processo de ensino-aprendizagem-treinamento do levantador segundo a Praxiologia Motriz.

A Praxiologia Motriz apresenta-se como área de conhecimento que apresenta ferramentas sistemáticas para desvelar os tipos de interações que se estabelecem em determinada prática motriz. Com isso, realizou-se a análise do levantamento a partir do Sistema de Classificação (CAI) e dos Universais, instrumentos de análise específicos da Praxiologia Motriz. Para Hernández Moreno e Rodríguez Ribas⁸, esse tipo de investigação caracteriza-se como uma modelização, a qual se objetiva “capturar uma imagem sobre uma realidade complexa (por exemplo, uma situação ou uma sequência ou aspectos da mesma) de modo que facilite sua compreensão” (p. 66). Esse tipo de pesquisa visa apontar ao pesquisador como se dá a dinâmica de funcionamento de determinada prática, ao passo que caracteriza e subsidia suas manifestações a partir de um entendimento sistêmico.

Pautado nos pressupostos científico-metodológicos da Praxiologia Motriz, esse ensaio desenvolveu-se a partir de análises, comparações e discussões referentes à bibliografia que contemplasse a problemática em questão, característica que o configura como um estudo teórico e explicativo. Para Demo⁹, esse tipo de pesquisa dedica-se “[...] a formular quadros de referência, a estudar teorias, a burilar conceitos” (p. 13). O autor complementa que a pesquisa teórica está “dedicada a reconstruir teorias, conceitos, idéias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos”¹⁰ (p. 20). Gil¹¹ acrescenta que os estudos explicativos “têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência de fenômenos” (p. 28). No decorrer desse ensaio, desenvolveu-se uma revisão de alguns dos conceitos e das ferramentas de análise da Praxiologia Motriz, com intuito de apresentar e caracterizar os conhecimentos praxiológicos adotados nessa investigação, no sentido de embasar a análise proposta e fomentar novos estudos metodologicamente similares.

Características dos Instrumentos de Análise das Práticas Motrizes

No que diz respeito às interações existentes entre participantes, a Praxiologia Motriz emerge como uma área de conhecimento que tem como objetivo analisar sistematicamente o funcionamento das práticas motrizes, as quais são subordinadas a suas próprias regras. Assim, a Praxiologia Motriz, segundo seu idealizador, o francês Pierre Parlebas, é “a ciência da ação motriz e especialmente das condições, modos de funcionamento e os resultados do seu desenvolvimento”¹². A partir da definição de Parlebas¹², percebe-se a relevância que o conceito ação motriz assume nesse viés de compreensão das práticas motrizes. Dessa maneira, para que se entenda na totalidade o quão significativa a ação motriz se faz, mostra-se importante estabelecer alguns esclarecimentos epistemológicos que embasam a Praxiologia Motriz, como também elucidar alguns princípios que a norteiam, para uma discussão com propriedade sobre a temática.

No sentido de evitar errôneas conclusões sobre seus objetivos, já se destaca de antemão que Praxiologia Motriz não se configura como uma abordagem de ensino, tampouco um método, mas sim como uma teoria científica de jogos e esportes, que busca se consolidar como conhecimento orientador dos aspectos didáticos e conceituais da Educação Física, visto que se pauta em sólidas matrizes epistemológicas. A principal base conceitual estruturada por Parlebas refere-se ao conceito de ação motriz, que tem origem na proposta de ação social do sociólogo americano Talcott Parsons. Com base nesse conhecimento da sociologia, Parlebas desenvolveu uma teoria de ação social mais específica, relacionada a uma das manifestações humanas, no caso, o jogo esportivo, que denominou de prática motriz. Esta orientação sociológica está sustentada na concepção do sociólogo francês Raymond Boudon que entende que a sociologia consiste na teoria geral da ação¹².

A Praxiologia Motriz, de forma pontual, se propõe a constituir uma teoria dos jogos e esportes, visando a elaboração de instrumentos científicos, com base na elaboração de uma gramática. Nesse outro propósito, Parlebas fundamenta-se nos pressupostos teóricos do Estruturalismo⁷⁻⁸, ao passo que essa proposta aponta critérios científicos para desvelar a lógica interna, considerando as práticas motrizes como sistemas praxiológicos. Isso significa que, ao apresentar as características de um sistema, faz-se necessário compreender que a realidade se caracteriza de modo complexo e interativo, e só adquire sentido quando compreendido em sua totalidade¹³. Nesta perspectiva, o autor desta teoria de jogos e esportes supera classificações e entendimentos superficiais desse grupo de manifestações sociais e propõe critérios científicos e consistentes para examinar o mundo dos jogos e esportes. O ponto de partida deste olhar está orientado pelas regras das manifestações, as quais indicam todas as ações motrizes possíveis. A Praxiologia Motriz apresenta uma visão pontual e científica nesse aspecto, ao apontar importantes elementos e considerações para o processo de ensino-aprendizagem-treinamento¹².

Dessa forma, ao considerar o conceito chave da Praxiologia Motriz, a ação motriz emerge a partir das quatro possibilidades de interação motriz¹ dos jogadores em relação a prática, as quais estão claramente descritas nas regras do jogo. Assim, as interações com os demais participantes, com o tempo, com o espaço e com os materiais do jogo caracterizam os quatro pilares da lógica interna das práticas motrizes, o que evidencia a concretização do que está estabelecido no contrato lúdico¹².

Para pôr um sistema praxiológico em ação, será necessário considerar a convenção regulamentária, seja essa institucionalizada ou tratada previamente pelos participantes, a qual traz à tona a relevância das regras para a aplicabilidade e realização das ações motrizes. As regras do jogo têm por finalidade estabelecer um contrato lúdico que irá especificar como se dará seu funcionamento quanto às regras descritivas (delimitam o espaço, tempo, sujeitos e suas competências), quanto as normas (referentes à conduta e comportamento dos jogadores), bem como as regras de jogo, as quais explicitam os requisitos necessários para a realização das ações motrizes¹³.

Para Lagardera e Lavega¹³, as ações motrizes são derivadas de um referido sistema praxiológico. A partir disso, cada sistema ditará a forma como os jogadores poderão atuar, ao normatizar as interações motrizes desse sujeito nas situações motrizes do jogo. Com isso, as ações motrizes de cada jogo emergem das interlocuções do sujeito com o sistema, como a manchete, o toque e o saque, carregadas da especificidade da prática motriz, no caso o Voleibol. Por sua vez, Parlebas¹² conceitua ação motriz como “o processo de realização das condutas motrizes de um ou vários sujeitos que atuam em determinada situação motriz” (p. 41).

Entretanto, é necessário esclarecer que, diferentemente das ações motrizes (as quais são únicas do sistema praxiológico), as habilidades motoras permeiam as diferentes práticas motrizes. Tanto a manchete do Voleibol quanto o voleio do Tênis utilizam-se da habilidade motora básica de rebater. No entanto, ambas são ações motrizes distintas,

¹Segundo Parlebas¹², a interação motriz se dá quando, no momento em que determinado participante realiza uma tarefa motriz, seu comportamento motor influencia visivelmente nas ações motrizes de um ou de vários dos participantes do jogo.

visto que cada uma é regida a partir da lógica interna de sua prática motriz, condicionadas pelo sistema praxiológico de origem.

A ação motriz consolida-se como a atuação corporal dos jogadores, diretamente articulada e dependente do sistema praxiológico o qual eles estão inseridos, a partir de sua lógica interna. Para a Praxiologia Motriz, essa lógica interna é considerada como a identidade que revela das características mais contundentes às mais intrínsecas da prática motriz, já que a partir dela é possível “conhecer as características de todas as ações motrizes que podem surgir de um sistema praxiológico, quando ele começa a funcionar”¹³ (p. 68).

Contudo, mesmo ao considerar-se que cada sistema praxiológico induz as possibilidades de atuação dos jogadores, quando uma ação motriz é realizada por algum sujeito, salientam-se as peculiaridades de seu protagonista, evidencia-se uma conduta motriz carregada de identidade e de características provenientes de quem a realizou. Parlebas¹² compreende que as condutas motrizes se manifestam “mediante um comportamento motor cujo os dados observáveis estão dotados de sentido, que é vivido de forma consciente ou inconsciente pela pessoa que atua” (p. 85). A partir disso, torna-se possível evidenciar as condutas possíveis dos sujeitos em determinada prática motriz, com base em comportamentos motores especificamente relevantes para os processos de leitura e tomada de decisão de quem está inserido no contexto dessa prática.

Nesse sentido, ao perceber-se a primordial relação que se estabelece entre a lógica interna da prática motriz e as possibilidades de atuação do jogador, Parlebas¹² desenvolveu ferramentas para análise e compreensão dessa dinâmica de funcionamento dos jogos e dos esportes. A primeira delas, fundamentada em dois elementos da lógica interna (interação com jogadores e espaço), é o Sistema de Classificação (CAI), o ponto de partida de qualquer análise praxiológica. Essa sistematização das práticas motrizes considera a presença ou a ausência de interação com companheiros (C) e/ou adversários (A) e as interações estabelecidas com o entorno físico (I), como critérios para organização e classificação das práticas a partir de suas lógicas internas¹².

Qualquer classificação que busque ser rigorosa deve relevar as características do objeto de análise, bem como despir-se de superficialidades e aparências, em um sentido único na direção do desvelar das identidades dos sistemas praxiológicos, as quais são singulares e complexas¹³. Cabe ressaltar que o Sistema de Classificação (CAI) não busca elencar quão válidas são as práticas motrizes, mas sim apontar as características que elas contemplam, com o intuito de desvelar suas lógicas internas e possibilitar a compreensão da dinâmica do jogo. Postos esses critérios, surgem oito categorias de classificação das práticas motrizes, sistematizadas em dois grupos: as práticas psicomotrizes e as práticas sociomotrizes.

As práticas psicomotrizes são aquelas em que, no momento da realização das ações motrizes, os sujeitos atuantes não sofrem interferência dos outros jogadores. Já as práticas sociomotrizes, obrigatoriamente, apresentam algum tipo de interação com outros jogadores. Dessa forma, obtém-se como critério de classificação das práticas motrizes, baseada nos tipos de interações que se apresentam nas práticas, os seguintes: psicomotrizes (sem interação), sociomotrizes de cooperação (exclusivamente cooperação), sociomotrizes de oposição (somente oposição) e sociomotrizes de cooperação-oposição (cooperação e oposição concomitantes). Ao considerar o espaço, Parlebas¹² elucida que um sujeito, além de poder interagir ou não com os demais, ainda apresenta a possibilidade de realizar leituras do meio de desenvolvimento da prática, o qual pode ser padrão (sem emissão de mensagens) ou incerto (alterações aleatórias no espaço de prática).

Para a Praxiologia Motriz, quando os jogadores estabelecem uma relação de cooperação, denomina-se comunicação, pois todas as ações e emissões de mensagem terão o intuito de facilitar as ações e processos de leitura do(s) companheiro(s). No entanto, quando a interação estabelecida é de oposição, evidencia-se a contracomunicação, caracterizada pelo processo de dificultar as ações e os processos de leitura do(s) adversário(s). Em ambas as situações,

todo o jogador, ao atuar, é portador de mensagens que deverão ser codificadas no decorrer da manifestação. Tendo em vista a comunicação, as mensagens e combinações prévias deverão ser facilitadas, como, por exemplo, em uma apresentação de ginástica rítmica, prática em que um grupo de atletas cumpre uma sequência de comunicação que deverá expressar uma coreografia. Não é suficiente apenas uma atleta se destacar nessa prova, todas deverão cumprir os elementos ginásticos e coreográficos, com alto grau de comunicação estabelecido pela troca constante de objetos, espaços e movimentos. Na situação de contracomunicação, a interação motriz demandará mais leitura, contrapondo a estratégia individual com as ações do adversário, como nas lutas e esportes de combate. O participante deverá criptografar essas mensagens para dificultar as leituras e induzir o adversário ao erro de avaliação. Ao mesmo tempo este mesmo participante deverá ter consciência que seu comportamento também está sendo interpretado constantemente pelo adversário.

Ainda com base no entendimento das práticas motrizes como sistemas praxiológicos, Parlebas elaborou uma ferramenta de análise que possibilita elencar as especificidades e características de qualquer jogo esportivo, os Universais. Segundo o autor¹², os Universais são “modelos operativos que representam as estruturas básicas de funcionamento de todo jogo esportivo e que contem sua lógica interna” (p. 463). Por sua etimologia, o termo “universal” foi empregado ao considerar a concepção sistêmica adotada pela Praxiologia Motriz em relação aos jogos e esportes, para indicar modelos que permeassem e caracterizassem essas manifestações. Dessa maneira, ao constituir-se os Universais, assume-se a premissa de que os modelos estão presentes de maneira subjacente em todas as práticas motrizes e que evidenciam seu funcionamento e sua identificação legítima ao desvelar e, principalmente, analisar suas características específicas¹².

Essa sistematização dos critérios de análise dos Universais baseia-se em modelos operatórios que tem por finalidade revelar a lógica interna dos sistemas praxiológicos, bem como possibilitar sua compreensão. Com isso em vista, a análise do levantamento será realizada a partir dos Universais, ao passo que cada um de seus modelos será caracterizado à medida que for abordado, na próxima sessão desse ensaio. Após a apresentação de alguns princípios conceituais da Teoria da Ação Motriz, iniciar-se-á a discussão referente à relevância do levantamento para a dinâmica de funcionamento do Voleibol. Assim, pretende-se analisar as principais características que se estabelecem nesse momento do jogo, bem como apontar seus desdobramentos na lógica interna e na dinâmica do Voleibol, ao considerar o Sistema de Classificação (CAI) e os Universais como ferramentas de análise desse fenômeno.

Levantamento em pauta: análise praxiológica

Ao ser analisado pelo Sistema de Classificação (CAI), o Voleibol configura-se como uma prática sociomotriz de cooperação-oposição em meio padrão. Posta essa premissa, apresentam-se dois tipos de interação essenciais entre os jogadores, a comunicação e a contracomunicação. Além disso, como o ambiente é padrão, não há a demanda de leituras ou adaptações das ações motrizes dos jogadores em virtude das incertezas em relação ao espaço. Entretanto, o jogador deve considerar o que foi pré-determinado no contrato lúdico sobre os aspectos estruturais do jogo, como não invadir a quadra adversária e respeitar as zonas pré-estabelecidas no tange à interação com espaço.

Com base nas primeiras considerações referentes ao Sistema de Classificação (CAI), lança-se mão dos Universais para a análise praxiológica do levantamento no Voleibol. Serão tematizadas as interações que esse momento exerce na dinâmica do jogo, bem como seus desdobramentos no desenvolvimento dessa prática motriz. Para isso, tem-se como ponto de partida o capítulo referente ao levantamento realizado por Ribas, Araujo e Zimmermann¹⁴ na obra organizada por Ribas¹⁵ que constrói e evidencia, as principais aproximações entre o Voleibol e a Praxiologia Motriz. Com o entendimento referente à sistema praxiológico e da interatividade de seus componentes, Parlebas propõe os Universais como uma matriz de análise da lógica interna, constituído por sete modelos operatórios para aprofundamento

na compreensão da dinâmica de funcionamento das práticas motrizes, os quais são a rede de comunicação motriz, a rede de interação de marca, sistema de pontuação, sistema de troca de papéis, sistema de troca de subpapeis, o código gestêmico e o código praxêmico¹²⁻¹³.

A partir das possibilidades de relação com companheiros e/ou adversários em uma prática, a rede de comunicação motriz evidencia quais interações se manifestam na lógica interna de cada jogo ou esporte. Como já salientado pelo Sistema de Classificação (CAI), o Voleibol apresenta-se como uma prática sociomotriz de cooperação-oposição, o que demanda diferentes condutas em relação à realização das ações motrizes e os processos de leitura. Essas interações motrizes serão responsáveis por balizar as características do comportamento motor dos jogadores no que se refere ao processo de facilitar ou dificultar a interpretação de sua própria conduta em relação aos outros participantes. Desde a mais simples ação de um jogador até as organizações táticas mais complexas da equipe serão conduzidas a partir das interações que se estabelecem na lógica interna do jogo.

Com isso, a rede de comunicação motriz do Voleibol caracteriza-se de forma *exclusiva*, pois evidencia-se explicitamente quem são seus companheiros e adversários no contexto do jogo e *estável*, visto que não há possibilidade de troca entre os componentes das equipes, o que mantém a configuração homeostática dos processos comunicativos e contracomunicativos na rede de comunicação motriz do Voleibol. Ribas¹⁵ caracteriza de forma concisa a rede de comunicação motriz do Voleibol e evidencia as interações motrizes que se estabelecem entre os seis momentos do jogo, bem como as ações motrizes mais usuais em cada um deles. A figura a seguir propõe um entendimento sistêmico entre os seis momentos do Voleibol, ao caracterizar as inter-relações estabelecidas, o que representa a complexidade de interações da lógica interna do Voleibol.

MOMENTOS DO JOGO DE VOLEIBOL: interações e as ações motrizes

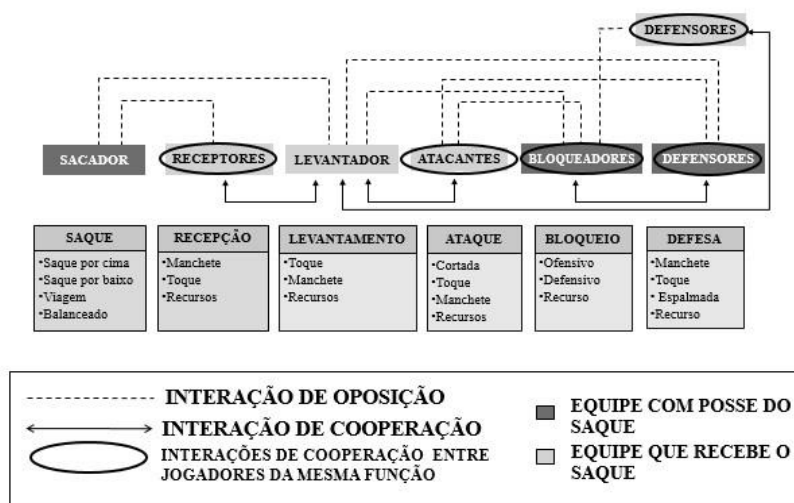


Figura 1. Interações Motrizes nos Momentos do Voleibol.

Fonte: Adaptada de Ribas^{15,2}

Ao analisar-se a figura sistematizada por Ribas¹⁵, diversas são as possibilidades de interpretação sobre as interações motrizes estabelecidas entre os momentos do jogo. Ao considerar-se as relações que se evidenciam, fica nítido que o levantamento destoa dos demais momentos no que diz respeito a quantidade de interações motrizes. Assim, o levantador estabelece interação de comunicação com a recepção, com o ataque e com a defesa (cobertura) de sua

²A interação de cooperação estabelecida entre levantamento e defesa apontada na figura original de Ribas¹⁵ foi modificada, a partir das reconsiderações realizadas pelo próprio grupo de autores em relação ao processo equivocado de diagramação na confecção da obra original.

equipe, bem como exerce interação de contracomunicação com o saque, bloqueio e defesa da equipe adversária. Essas interações norteiam a forma como os jogadores atuam, o que atrela sentido a diversos elementos relevantes da dinâmica de funcionamento do Voleibol, desde aspectos referentes às próprias ações motrizes dos participantes até as organizações técnico-táticas adotadas pelas equipes no contexto do jogo. Essa sistematização avança no que se refere a compreensão esportiva, ao passo que materializa características subjetivamente inerentes à lógica interna do Voleibol em subsídios reais para concretização e análise de sua dinâmica de funcionamento.

Ao caracterizar essas interações, percebe-se que a recepção fará o possível para auxiliar no levantamento, enquanto que o levantador, além de oportunizar aos atacantes condições vantajosas em relação ao adversário, irá compor o sistema defensivo (cobertura) após efetuar o levantamento. Nitidamente, todas essas ações visam facilitar a atuação e os processos de leitura dos demais jogadores, o que configura a cooperação explicitamente aplicada no contexto do jogo. Em contrapartida, o levantador evitará receber o saque, para que esteja apto a realizar o levantamento, bem como buscará a maior imprevisibilidade possível em relação a sua ação no que se refere à leitura e antecipação dos bloqueadores e defensores adversários, para possibilitar condições vantajosas aos atacantes ou até mesmo para pontuar a partir da clássica “bola de segunda”. Em todas essas situações, o objetivo principal é dificultar as ações dos adversários, o que configura a veemência da oposição diretamente articulada com a dinâmica do jogo.

Ao explicitar os tipos de interação que um jogador pode estabelecer em cada momento do jogo, com base na sistematização de Ribas¹⁵, elaborou-se um gráfico que evidencia a predominância das interações motrizes que se estabelecem entre os momentos do Voleibol. Para essa sistematização, focou-se exclusivamente nas interações motrizes evidenciadas a partir da proposta de compreensão evidenciada por Ribas¹⁵.

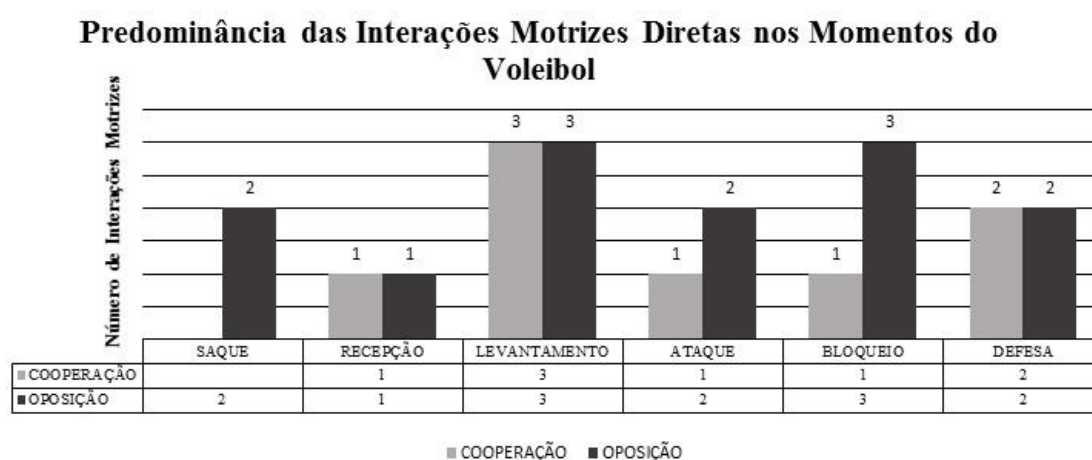


Figura 2. Predominância das Interações Motrizes Diretas nos Momentos do Voleibol.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir desse gráfico, dois aspectos destacam-se veementemente, o volume de interações motrizes estabelecidas e a predominância do tipo comunicação motriz em cada momento do jogo. Dessa forma, percebe-se que recepção, levantamento e defesa³ apresentam equilíbrio no que se refere a quantidade e tipo de interações motrizes de comunicação e contracomunicação. No entanto, saque, ataque e bloqueio apresentam predominância quantitativa da contracomunicação em detrimento da comunicação. Isso não se dá despreziosamente, há uma causa para essa predominância opositiva, que se mostra claramente interligada com o objetivo de cada momento no jogo de Voleibol. Essa discussão será pauta específica dessa investigação na sequência desse ensaio.

³ Ao analisar-se os processos comunicativos e contracomunicativos da defesa elencados na figura de Ribas¹⁵, percebe-se que há apenas uma interação de cooperação. Entretanto, no decorrer de sua obra, o autor caracteriza esse momento e demonstra que há interação de comunicação com o levantamento, de modo que contabiliza duas interações de cooperação, como expresso no gráfico anterior.

Ao evidenciar a quantidade de interações de cooperação e de oposição presentes em cada momento, o gráfico aponta uma orientação didático-metodológica para o desenvolvimento de aulas/treinamentos, diretamente relacionadas às características das situações que se apresentam no jogo. A partir desse princípio, compreende-se que o processo de ensino/aprendizagem, seja do levantamento ou quaisquer outros momentos do jogo, deve considerar as interações motrizes que se apresentam em cada um deles. Nesse sentido, os exercícios didáticos propostos pelo professor/treinador devem corroborar a eminência dessas interlocuções em cada um dos momentos da lógica de funcionamento do Voleibol, articulando suas interferências na dinâmica de jogo, além de considerar o grau de complexidade, ao partir do mais simples em direção ao mais complexo, no decorrer do processo¹⁶.

Ao tratar esses conhecimentos no ensino do levantamento, é necessário considerar tanto processos comunicativos quanto contracomunicativos em grande escala nos exercícios propostos, pois esse momento do jogo apresenta forte volume dos dois tipos de interação motriz. Já no bloqueio, por exemplo, que evidencia maior quantidade de interações de contracomunicação do que de comunicação, a eminência dos exercícios didáticos deve salientar a oposição e os elementos dela derivados. No entanto, não se deve desconsiderar a comunicação no bloqueio, pois ela também se evidencia e é vital para o sistema defensivo, contudo, em menor veemência quando comparada à oposição. Salienta-se, ainda, que essas observações devem ser articuladas a partir das possibilidades apresentadas pelo grupo em questão. Com isso, essas questões ganham vigor à medida que os sujeitos evoluem no processo, o que remete à necessidade de uma organização didática que esteja articulada com uma concepção de ensino do esporte para a compreensão, considerando sua dinâmica de funcionamento.

Outro modelo dos Universais, a rede de interação de marca, dá conta de ressaltar o que deve ser feito para vencer o jogo, ao salientar que tipo de interação motriz é necessário estabelecer para obter a vitória em determinada prática motriz. Lagardera e Lavega¹³ apresentam as variáveis da rede de interação de marca, a qual pode ser antagônica (êxito a partir da oposição), cooperativa (triunfo pela cooperação) ou mista (sucesso pode provir da cooperação e/ou da oposição).

No Voleibol, só é possível pontuar no momento que se opõe aos adversários, característica que a classifica como uma prática motriz de rede antagônica. Isso significa que, para obter triunfo em uma partida, a contracomunicação deve ser estabelecida obrigatoriamente. Corroborando essa premissa, os momentos saque, ataque e bloqueio apresentam um predomínio das interações de oposição quando comparadas as de cooperação, como aponta o gráfico acima. Isso se dá porque esses três momentos protagonizam a conquista de pontos e, ao passo que é necessário opor-se para pontuar, as interações motrizes de oposição se evidenciam com maior ênfase nesses momentos de jogo, os quais são cruciais para obtenção dos pontos, o que corrobora a configuração antagônica da rede de interação de marca do Voleibol. Dessa forma, é a partir da oposição presente nesses momentos, e dos erros dos adversários, que se pontua no jogo de Voleibol.

No entanto, a cooperação apresenta tamanha relevância para o Voleibol quanto à oposição, visto que, se os processos comunicativos não forem bem executados, será dificultada toda organização ofensiva. Com isso, não se pode afirmar que a contracomunicação é a única interação motriz responsável pela vitória no Voleibol, pois se a recepção, o levantamento e a defesa não ocorrerem adequadamente, dificulta-se ou até inviabiliza-se o processo contracomunicativo, o que indefere a possibilidade de avançar no placar. Além disso, é necessário que os jogadores compreendam que o insucesso no estabelecimento das interações motrizes comunicativas pode ser determinante para o resultado de uma partida, caso a equipe cometa erros nesses processos e conceda pontos diretamente aos adversários.

É ao considerar esses aspectos comunicativos que o levantamento assume sua veemente relevância na obtenção de pontos no Voleibol. Diretamente, a rede de interação de marca não abarca considerações relevantes para o levantamento, visto que sua finalidade é salientar qual interação precisa ser estabelecida para pontuar. Contudo, a

qualidade no estabelecimento da oposição, necessária para a concretização adequada do ataque, só ocorrerá caso a cooperação com o levantamento seja estabelecida com sucesso, a qual também dependerá de uma boa comunicação com a recepção e assim sucessivamente.

Assim como conhecer o que deve ser feito para vencer, é necessário contabilizar os êxitos dos jogadores. Com isso, o sistema de pontuação, segundo Parlebas¹², dá conta de registrar os acertos, as vitórias ou os pontos marcados pelas equipes, a partir do contrato lúdico. Tendo como parâmetro o Voleibol, percebe-se que essa prática adota um sistema com pontuação limite. Esse sistema é caracterizado por não possibilitar um controle temporal da prática, pois sua finalização está à mercê da pontuação das equipes. Dessa forma, a pontuação no Voleibol se dá a partir do Sistema de Pontuação por *Rally*, o qual todas as vezes em que a bola toca o solo ou alguma equipe comete infração, contabiliza-se o ponto diretamente¹⁷. O Sistema *Rally* é disputado em uma melhor de cinco parciais, nas quais é necessário obter 25 pontos em, no mínimo, três *sets*. Caso ambas equipes vençam dois *sets*, realiza-se o chamado *tie-break*, *set* de menor duração – até 15 pontos – o qual definirá o vencedor da partida. Ressalva-se que, em qualquer um dos *sets* (inclusive o *tie-break*), a equipe precisa lograr uma diferença de, pelo menos, dois pontos em relação a pontuação do adversário, não existindo um limite de pontuação, o jogo dura até alguma equipe estabelecer essa diferença.

Vale ressaltar que, até o ano 1998, o Voleibol era disputado no Sistema de Vantagem, no qual o ponto só seria contabilizado caso a equipe estivesse com a “vantagem”, ou seja, com a posse do saque⁵. Segundo Anfilo¹⁸, a troca do Sistema de Pontuação realizada pela Federação Internacional de Voleibol esteve atrelada ao processo de espetacularização do esporte nessa época, com o objetivo de popularizá-lo, principalmente através das transmissões televisivas. Com isso, o Sistema de Vantagem acarretava, diversas vezes, em partidas com muitas horas de duração, o que inviabilizava monetariamente sua transmissão. Dessa forma, a Federação Internacional de Voleibol optou pelo sistema de pontuação atual, diminuindo o tempo de duração do jogo. Mesmo que a interlocução sociocultural do Voleibol (ou lógica externa para Praxiologia Motriz) não seja temática central desse ensaio, faz-se necessário expor, sucintamente, algumas implicações que acarretaram e continuam acarretando influências contundentes à lógica interna do Voleibol, ao passo que ela, sim, é o objeto de estudo dessa investigação. Nesse viés, não se pode desconsiderar um elemento que interfere de forma tão significativa para a lógica interna da prática, mesmo que não se esteja discutindo, diretamente, sua articulação no âmbito social.

Atualmente, o Voleibol ainda sofre contundentes influências dos contextos midiáticos, visto sua estreita cumplicidade com o campo mercadológico no alto rendimento. Isso se concretiza de tal forma que a discussão de alterar o Sistema de Pontuação está novamente à tona, com o intuito de proporcionar previsibilidade ao tempo de duração dos jogos. O intrigante é que, na televisão aberta brasileira, por exemplo, pouco se teve/tem espaço nas grades de horários para esportes que não sejam o Futebol, o que torna essa “adequação” pouco útil para o desenvolvimento do Voleibol. Dessa forma, percebe-se problemáticas que demandam um denso debate no campo acadêmico: essas constantes alterações das regras dos esportes, normalmente oriundas de interesses externos a própria prática, estão a serviço de quem? De seus praticantes? Dos atletas? Dos alunos? Da mídia? Da cultura? Do sistema? Do lucro? Ou do desenvolvimento da própria prática motriz? Mesmo merecendo mais atenção do cenário acadêmico-científico das pesquisas sobre Voleibol e demais esportes em geral, esse debate se limitará a esse ponto nesse ensaio, ao considerar o objetivo traçado nessa investigação.

Mesmo alterando significativamente a forma de se contabilizar os pontos, no que diz respeito ao levantamento, essa alteração no Sistema de Pontuação não trouxe grandes implicações. Pode se inferir que, no Sistema de *Rally*, demanda-se uma administração mais consciente da distribuição de jogo na relação segurança-risco por parte do levantador, visto que cada erro conta como ponto direto ao adversário. Além disso, as decisões dos levantadores sobre qual atacante acionar, principalmente em momentos decisivos do jogo, mostram-se cada vez mais relevantes e com alto

nível complexidade interpretativa, ao englobar desde as questões técnico-táticas individuais e coletivas até ao próprio estado psicológico e emocional de cada um dos jogadores da partida. Já no Sistema de Vantagem, o levantador podia ousar mais em suas decisões quando obtinha a vantagem, pois caso se equivocasse na escolha do atacante ou na própria ação de levantamento, não contabilizaria ponto diretamente, apenas a perda da vantagem.

Contudo, de pouco adianta conhecer a rede de comunicação motriz, o sistema de pontuação e a rede de interação de marca se o jogador não tiver discernimento sobre seu papel em cada situação motriz. Para Parlebas¹², os papéis são conjuntos de comportamentos dos sujeitos que variam de acordo com as possibilidades de atuação concedidas pelas regras. Um clássico exemplo para ilustrar a aplicabilidade desse modelo é o jogo de pega-pega, que apresenta os papéis de “pegador” e “fugitivo”, os quais evidenciam direitos e proibições claramente estabelecidas pelo contrato lúdico. Esse conjunto de regras que explicitam as possibilidades dos jogadores se intitula estatuto sociomotor e, quando ele é assumido no sistema praxiológico, denomina-se como papel, tornando impossível a compreensão de suas finalidades sem essa interlocução direta. Para Parlebas¹², os papéis condicionam-se a partir de três grandes setores de ação: a interação com os jogadores, com o espaço e com o material.

Já os subpapeis são unidades comportamentais básicas que um sujeito pode realizar em cada papel, que são, propriamente, as possibilidades de agir em cada papel. Ao considerar o exemplo acima, apenas o pegador pode exercer o subpapel “pegar”, enquanto que apenas o fugitivo possui o subpapel “fugir”. Dessa forma, o mesmo jogador pode estabelecer vários papéis, os quais irão ditar suas possibilidades no jogo, ao evidenciar subpapeis correspondentes a ele⁸.

Antes de discutir a aplicação dos papéis e subpapeis no levantamento, cabe apresentar uma diferenciação entre papel e função. Papel está vinculado às possibilidades de atuação dos jogadores a partir do que está descrito nas regras do jogo, enquanto que a função é uma especialização de ordem tática, no sentido de estruturar as tarefas de cada participante no jogo, no entanto, sem descrição específica nas regras da prática. Ao ilustrar isso, a função de levantador não se configura como um papel, pois quem a exerce não apresenta nenhum direito ou proibição própria quando comparado aos demais jogadores. A função do levantador surgiu a partir do desenvolvimento tático do Voleibol, intimamente ligado ao sistema de jogo⁴, o qual indica o esquema organizacional com que a equipe jogará. Outro exemplo que pode ser utilizado para elucidar essa questão é o caso do líbero, que apresenta funções defensivas e de recepção, assim como os demais defensores na organização tática da equipe, mas que está submetido a uma série de indicações nas regras quanto a sua atuação, o que o torna um papel.

Essa diferenciação entre papel e função faz-se estritamente necessária para compreensão da discussão referente aos papéis e seu sistema de trocas. Ao exemplificar o conceito de estatuto sociomotor em sua mais célebre obra, Parlebas¹² apresenta os três possíveis papéis do Voleibol, considerados a partir da posição que o jogador ocupa na rotação, os quais são: sacador, defensor e atacante. No entanto, vale ressaltar que essa análise foi realizada no ano de 1981, com base nas regras do Voleibol vigentes naquele período⁵. Ao considerar os objetivos desse ensaio, restringir-se-á a discussão das influências dos papéis e subpapeis na função de levantador. A partir disso, a figura abaixo sistematiza os possíveis papéis e subpapeis no Voleibol (exceto líbero).

A partir dessa figura, percebe-se que os papéis estão intimamente ligados à posição que o jogador ocupa, o qual pode se apresentar na zona de ataque (posições 4, 3 e 2 da quadra) ou na zona de defesa (1, 6 e 5). A troca de papéis se dá a partir da manutenção da posse do saque, após sua execução ou pela troca de zona por meio da rotação. Quando o levantador está ocupando uma das posições da zona de ataque na rotação, com o papel de atacante, todos os subpapeis

⁴Sistema de jogo é a nomenclatura atribuída a estratégia que a equipe adotará no que se refere a relação de número de atacantes e de levantadores, respectivamente. Os esquemas mais comuns são o 5x1, 4x2 (simples e invertido) e 6x0, os quais apresentam características singulares em sua organização.

⁵Com a criação da regra que especifica o líbero, jogador especializado em ações ligadas a recepção e defesa, apresenta-se um estatuto sociomotor próprio, que evidencia certos direitos e proibições a suas ações de jogo, o que se caracteriza como mais um papel do Voleibol. Não será discutido as possibilidades desse papel visto os objetivos estabelecidos nesse ensaio estarem vinculados ao levantador.

lhes são concedidos, exceto sacar. Já quando ele se encontra na zona de defesa, dois podem ser seus papéis: sacador ou defensor. Quando o levantador é o sacador, só lhe é permitido sacar e, logo após sua realização, o levantador se torna um defensor, podendo realizar qualquer subpapel, exceto bloquear. Salienta-se que só é permitido ao defensor realizar um ataque se o mesmo for executado antes da linha dos três metros, como previsto em regra.

SISTEMA DE TROCA DE PAPEIS E SEUS RESPECTIVOS SUBPAPEIS NO VOLEIBOL

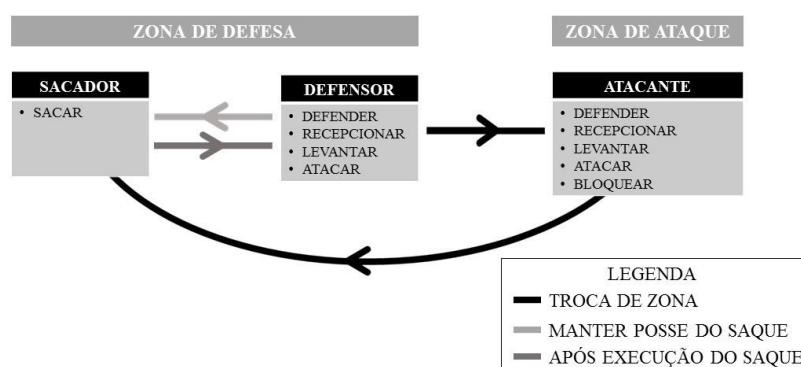


Figura 3. Sistema de Troca de Papéis e seus Respectivos Subpapéis no Voleibol.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Assim, o levantador precisa conhecer suas possibilidades de atuação a partir de seu papel, ao relevar os seus subpapéis e os de seus companheiros, visto que influenciam diretamente em sua decisão durante a realização do levantamento. Ao considerar os diferentes sistemas de jogo, bem como as suas influências nas ações motrizes do levantador, discutir-se-á como os papéis e seus subpapéis interferem nessa função nos três principais sistemas de jogo da atualidade.

No sistema de jogo 4x2 simples, o qual apresenta dois levantadores em posições opostas, a ação de levantamento será realizada, prioritariamente, pelo levantador que estiver atuando no papel de atacante, na zona de ataque¹⁹. Com isso, ele organizará a ação ofensiva da equipe, enquanto que o outro levantador, ao assumir o papel de defensor, preocupar-se-á em realizar o passe e a defesa. Essa lógica se mantém durante todo o jogo, ao passo que a função de levantador sempre estará atrelada ao jogador responsável pelo levantamento quando estiver no papel de atacante.

Já no 4x2 invertido, como a própria denominação já suscita, essa relação entre a função dos dois levantadores/opostos é inversa. A função de levantar estará atrelada ao levantador que ocupa a zona de defesa na rotação, ao exercer o papel de defensor. Já o outro levantador, que se situa sempre em diagonal ao seu companheiro de função, ao atuar no papel de atacante, terá a função de atacar, como os demais jogadores que ocupam essa zona. Contrariamente ao 4x2 simples, no 4x2 invertido a função de levantador será exercida sempre pelo levantador que está atuando como defensor, enquanto que o levantador que estiver com o papel de atacante terá a função finalizar o ponto ao invés de organizar a jogada.

O sistema de jogo 4x2 invertido evidencia uma aparente vantagem em relação ao 4x2 simples e ao próprio 5x1, ao passo que, estrategicamente, esse esquema apresenta três atacantes na zona de ataque em todas as posições da rotação, visto que o levantador, ao chegar na zona de ataque, se torna um atacante assim como os outros jogadores. No entanto, esse sistema de jogo demanda, em todo tempo, a infiltração, ação a qual o levantador se desloca da zona de defesa e posiciona-se entre as posições dois e três da quadra para execução do levantamento, ininterruptamente na disputa do ponto. Além disso, sua fragilidade está em apresentar dois padrões de levantamento diferentes, pois cada

levantador, ao assumir essa função, mantém características distintas no que se refere à velocidade, tipo de levantamento, decisões motrizes, entrosamento com a equipe, além de demandar exímia habilidade técnico-tática desses jogadores para executar, com competência, as funções de levantador e atacante durante todo jogo. Para Hirama et al¹⁹, umas das problemáticas do uso desse sistema de jogo é a associação de uma forma eficaz de aproveitar-se dos três atacantes da rede. Por muitos anos, o 4x2 invertido foi o sistema de jogo mais utilizado no Voleibol de alto rendimento, contudo, perdeu espaço na medida em que se desenvolveu o 5x1 e o processo de especialização das funções ganhou força no treinamento esportivo.

O esquema 5x1 apresenta apenas um jogador responsável pelo levantamento, enquanto que os outros cinco jogadores da equipe se preocupam com as demais tarefas do jogo. A função de levantar estará sempre atrelada ao mesmo jogador, independentemente do papel que ele desempenhe no jogo. Dessa forma, as possibilidades de ação do levantador estarão condicionadas ao papel exercido naquele momento, seja defensor, atacante ou sacador, como discutido anteriormente. Bem como evidenciado no trabalho de Vancelotte et al²⁰, a evolução dos esquemas táticos do Voleibol até o 5x1 surgiu da demanda de aumentar o número de atacantes ativos no jogo. Além disso, com a crescente eficiência do ataque do fundo (de trás da linha dos três metros), que dá margem à mais possibilidades ofensivas, o 4x2 invertido foi substituído gradativamente pelo 5x1 no alto rendimento²⁰.

Essas possibilidades de atuação concedidas a cada papel, bem como o sistema de jogo e as estratégias adotadas em relação a maneira como se organizará no jogo, devem ser tematizadas durante todo processo de ensino-aprendizagem-treinamento. Para o levantador, conhecer as possibilidades de ação que ele possui, assim como as de seus companheiros e adversários, é elemento primordial de uma decisão motriz adequada no contexto do jogo.

Além de conhecer quais são as possibilidades atuação concedidos pelos papéis e seus subpapeis, o levantador, mais do que qualquer outro jogador, precisa saber o idioma do Voleibol. Isso significa que, assim como toda prática motriz, o Voleibol possui uma linguagem própria, a qual não é expressa pela comunicação verbal, mas sim pela semiótica¹³. Para Parlebas¹², semiótica é a “natureza e campo das situações motrizes, consideradas desde o ponto de vista da aplicação de sistemas de sinais, associados diretamente a conduta motriz dos participantes” (p. 406). Essa proposta tem origem nos conceitos da semiologia, idealizada pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure, que possibilita o aprofundamento dos registros simbólicos da ação motriz no contexto específico do jogo. Parlebas¹² explica que, nas práticas sociomotrizes, a comunicação práxica suscita uma troca de mensagens entre os participantes, dotada de uma simbologia comum, enriquecida de sentido para quem atua no jogo. Dessa forma, dois modelos dos Universais mostram-se cabais para realizar esse tipo de comunicação, os códigos gestêmicos e os códigos praxêmicos.

Para Parlebas¹², código gestêmico ou gestema é “classe de atitudes, mímicas, gestos e comportamentos motores postos em prática para transmitir uma pergunta, indicação, ordem tática ou relacional, como simples substituição da palavra” (p. 238). Para Ribas⁷, os gestemas facilitam as ações e, principalmente, os processos de leitura dos jogadores em relação a cooperação, ao passo que eles vão aprimorando-se a medida em que o nível das equipes evolui. Dificilmente será manifestado um gestema emitido para os adversários, ao considerar que sua decodificação é extremamente simples, processo que deve ser evitado sempre que possível aos adversários. No Voleibol, especificamente no levantamento, a comunicação gestêmica mostra-se relevante, pois as combinações de jogadas ocorrem normalmente por meio de gestemas realizados com as mãos, principalmente pelo levantador.

Já código praxêmico ou praxema é a “conduta motriz de um jogador interpretada como um signo, cujo significante é o comportamento observável e cujo significado é o projeto tático correspondente a dito comportamento, tal como é percebido”¹² (p. 349). Nesse sentido, o praxema configura-se como a interpretação da conduta motriz de determinado sujeito como algo que significa, que transmite informação, o que acarreta em antecipações e decisões motrizes na futura ação motriz de quem a interpreta. Com isso, a partir das interações motrizes, o levantador deve

considerar tanto os praxemas contracomunicativos (do sacador, dos bloqueadores e dos defensores adversários) quanto os praxemas comunicativos (dos receptores, dos atacantes e da cobertura do ataque da própria equipe), visto que suas decisões motrizes serão totalmente baseadas nesses aspectos. Dessa forma, essas informações serão de extrema relevância para que a decisão mais adequada seja tomada. Por exemplo, ao considerar a contracomunicação, se os bloqueadores insinuarem um deslocamento para a entrada de rede, a decisão motriz mais eficiente será o atacante de meio ou de saída de rede. Já em uma hipótese de comunicação, se o levantador perceber que seus passadores terão dificuldades para receber, poderá antecipar seu deslocamento e abordar a bola com tempo suficiente para execução do levantamento.

Ao compreender-se a função do levantador e o contingente de interações que ele estabelece, percebe-se a semioticidade como um conhecimento vital para sua atuação, seja a partir de leituras de jogo ou da compreensão da relevância da manipulação da sua própria conduta motriz como emissora de mensagens. Assim, além de decifrá-las, o levantador precisa compreender que sua própria conduta é constantemente interpretada pelos adversários. Dessa forma, dificultar ao máximo que eles antecipem a sua decisão é imprescindível. Assim, um bom levantador é aquele que *interpreta*, nas múltiplas facetas desse termo, seja ao codificar mensagens ou ao emitir informações que ludibriem o processo de leitura dos adversários. Evidentemente, essas características vinculadas ao processo de emissão e de interpretação de mensagens são fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem-treinamento na função do levantador, ao considerá-lo como o ponto chave do processo de decisão motriz¹². Atividades didáticas ricas em situações motrizes que demandem constantes e aleatórias leituras dos levantadores em relação aos companheiros e aos adversários é eixo norteador para o desenvolvimento de um levantador intérprete.

Com isso, o Sistema de Classificação (CAI) e os Universais apresentam subsídios norteadores, desde sua lógica interna, para o desenvolvimento do Voleibol. Nessa perspectiva, a Praxiologia Motriz evidencia as características mais contundentes das práticas motrizes, pela apresentação de elementos básicos para tematização e desenvolvimento do ensino/aprendizagem do levantamento no Voleibol, em quaisquer esferas.

Considerações Finais

Nesse estudo objetivou-se analisar as implicações do levantamento na lógica interna do Voleibol, de modo a apontar subsídios para seu processo de ensino-aprendizagem-treinamento. Assim, esses insumos evidenciados pela Praxiologia Motriz apontam um sentido para o trabalho didático, seja de professores ou treinadores, ao apresentar aspectos relevantes da lógica interna para o processo de ensino-aprendizagem-treinamento do levantamento. Alguns desses elementos encontrados nesse ensaio podem já ser conhecidos e utilizados por professor e treinadores mais experientes. Contudo, a Praxiologia Motriz trata de dar um subsídio científico a eles, ao passo que caracteriza e justifica suas atribuições a partir lógica interna do Voleibol, ao compreender seus significados quando se considera o jogo como uma estrutura complexa, como um sistema interativo.

Dessa forma, a prática desses profissionais pode substanciar-se nesses elementos ao entendê-los como processos inerentes do Voleibol, ao compreender sua dinâmica de funcionamento a partir do arcabouço teórico da Praxiologia Motriz. Com isso, a figura abaixo sintetiza as articulações dos modelos dos Universais para o processo de ensino-aprendizagem-treinamento do levantamento, assim como alguns apontamentos gerais, indicando novos caminhos e conhecimentos para o desenvolvimento do trabalho do professor/treinador elencados nesse ensaio.

Ao considerar esses conhecimentos sustentados pela Praxiologia Motriz em relação ao levantamento no Voleibol, diversas possibilidades são apontadas para o enriquecimento das ferramentas didáticas do professor/profissional de Educação Física em sua prática pedagógica. Nessa perspectiva, evidenciam-se elementos substanciais para o desenvolvimento de um processo de ensino-aprendizagem-treinamento que busque instigar o aluno à

compreensão dos “por quê fazer” do jogo, a partir das possibilidades apresentadas pela lógica interna, significando o processo educativo.

UNIVERSAIS	ARTICULAÇÕES COM O LEVANTAMENTO	APONTAMENTOS PARA O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM
REDE DE COMUNICAÇÃO PRÁTICA	<ul style="list-style-type: none"> Compreender a função do levantamento na lógica interna do jogo. Forte evidência de interações, tanto de comunicação quanto de contracomunicação. 	<ul style="list-style-type: none"> Orientar e atrelar significado ao processo. Corroborar o ensino da técnica a partir da demanda tática. Inserção de aspectos mais complexos à medida em que se evolui no processo. Facilitar as ações dos companheiros e dificultar ações adversárias.
REDE DE INTERAÇÃO DE MARCA	<ul style="list-style-type: none"> Levantador como organizador das ações ofensivas. Eficiência do ataque atrelada a execução do levantamento. 	<ul style="list-style-type: none"> Salientar a conquista de ponto por meio da oposição. Evidenciar a importância da comunicação ao possibilitar a contracomunicação adequada. Falta de cooperação pode gerar pontos ao adversário.
SISTEMA DE PONTUAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> Administração da relação segurança-risco nas ações de levantamento no Sistema de Rally. Relevância da decisão motriz do levantador no Sistema de Rally. 	<ul style="list-style-type: none"> Interferência do sistema de pontuação nas ações dos jogadores. Interesse mercadológico nas alterações das regras do jogo.
SISTEMA DE TROCA DE PAPÉIS	<ul style="list-style-type: none"> Implicações no levantamento a partir dos papéis do jogo. Conhecimento dos papéis dos demais jogadores para organização ofensiva. 	<ul style="list-style-type: none"> Apresentar as possibilidades de ação em cada papel. Orientar as atividades a partir da ação de cada papel nas situações do jogo.
SISTEMA DE TROCA DE SUBPAPEIS	<ul style="list-style-type: none"> Diferentes possibilidades de agir na função do levantador em cada sistema de jogo. 	<ul style="list-style-type: none"> Elencar as variações de realização das ações motrizes do jogo em cada papel.
CÓDIGO GESTÊMICO	<ul style="list-style-type: none"> Combinação de jogadas com o sistema ofensivo da equipe pelos gestemas. 	<ul style="list-style-type: none"> Criar simbolismos a partir de gestemas que remetam a informações em comum.
CÓDIGO PRAXÊMICO	<ul style="list-style-type: none"> Decisão motriz a partir da leitura praxêmica de adversários e companheiros no levantamento. Compreensão da própria conduta motriz como emissora de mensagens durante a ação de levantamento. Levantador como um intérprete. 	<ul style="list-style-type: none"> Importância da semioticidade para as diferentes decisões motrizes do jogo. Emissão de mensagens claras para companheiros e obscuras para adversários.

Figura 4. Síntese da análise do levantamento a partir dos Universais e suas interlocuções com o processo de ensino-aprendizagem-treinamento.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Contudo, para que esses insumos se concretizem nas aulas de Educação Física, é necessário a apropriação de um método de ensino que possibilite a sua inserção no processo, assim como se preocupe em ensinar para a compreensão do jogo. Dessa maneira, faz-se estritamente necessário eleger uma metodologia que contemple as características do processo de ensino-aprendizagem-treinamento e que venha ao encontro dos princípios didático-pedagógicos estabelecidos.

Entende-se que a adoção de um método de ensino que possibilite a inclusão desses conhecimentos no processo de ensino-aprendizagem-treinamento é de tamanha relevância quanto a própria articulação dos elementos da lógica interna. Indica-se os métodos de ensino da corrente construtivista, por meio de jogos condicionados, principalmente o *Teaching Games for Understanding*, sistematizado por Bunker e Thorpe²¹, e o Método Situacional, idealizado por Greco²², como propostas metodológicas que dão conta de inserir e desenvolver esses aspectos referentes à lógica interna do levantamento no Voleibol.

Compreende-se que o almejado avanço à hegemonia dos modelos ensino esportivo tecnicistas só será ultrapassada quando se entender e, principalmente, desenvolver o esporte sob outra perspectiva. Esse novo enfoque

deve materializar os elementos inerentes à lógica interna do jogo, nesse caso o levantamento no Voleibol, e traduzi-los em estruturas didáticas pedagogicamente relacionadas e construídas com o foco no desenvolvimento pleno da manifestação esportiva.

Referências

1. Miron EM, Costa MPR. Voleibol Sentado: brincar e jogar na Educação Física escolar. São Carlos: EdUFSCar; 2013.
2. Brasil, Ministério do Esporte. Diagnóstico Nacional do Esporte. Brasília: [s. n.]; 2013. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/diesporte/index.html>. Acesso em: 19 mai. 2016.
3. Dacosta L, organizador. Atlas do Esporte no Brasil. Rio De Janeiro: Confef; 2006.
4. Marchi Júnior W. Sacando o Voleibol. São Paulo, Hucitec; 2004.
5. Matias CJAS, Greco JP. De Morgan ao Voleibol Moderno: O Sucesso do Brasil e a Relevância do Levantador. Rev Mackenzie de Educ Fís Esporte, 2011, v. 10, n. 2,; p. 49-63.
6. Fagundes FM, Oliveira RV, Ribas JFM. Saque e Recepção: Análises Praxiológicas sobre suas Influências no Voleibol. 11º Congreso Argentino y 6º Latinoamericano de Educación Física y Ciencias, Universidad Nacional de La Plata, Argentina; 2015. Anais eletrônicos, disponível em: http://congresoeducacionfisica.fahce.unlp.edu.ar/publicaciones11ocongreso/Mesa%2004_Fagundes.pdf/view
7. Ribas JFM. Praxiologia Motriz e Voleibol – Elementos para o Trabalho Pedagógico. Ijuí, Editora UNIJUÍ; 2014: O Voleibol e os “Novos” Olhares sobre os Jogos Esportivos Coletivos. p. 21 – 55.
8. Hernández Moreno J, Rodríguez Ribas JP. La Praxiologia Motriz: fundamentos y aplicaciones. Barcelona - Espanha, INDE Publicaciones, 1ª edição; 2004.
9. Demo P. Metodologia Científica em Ciências Sociais. São Paulo: Atlas; 1995.
10. Demo P. Metodologia do Conhecimento Científico. São Paulo: Atlas; 2000.
11. Gil AC. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. São Paulo, Editora Atlas S.A., 2008; 6ª edição.
12. Parlebas P. Juegos, deporte y sociedad: léxico de praxiología motriz. Barcelona: Paidotribo; 2001.
13. Lagardera FO, Lavega PB. Introducción a la praxiología motriz. Barcelona: Editorial Paidotribo; 2003.
14. Ribas JFM, Araujo PA, Zimmermann MT. Organizando as Ações de Ataque: Levantamento. In: Ribas JFM, organizador. Praxiologia Motriz e Voleibol – Elementos para o Trabalho Pedagógico. Ijuí, Editora UNIJUÍ; 2014, p. 81 – 89.
15. Ribas JFM, organizador. Praxiologia Motriz e Voleibol – Elementos para o Trabalho Pedagógico. Ijuí, Editora UNIJUÍ; 2014.
16. Fotía J. Voleibol, Lógica Interna e Iniciación. Las Palmas Del Gran Canaria: ACCAFIDE, Acción Motriz, 2013, v. 10, p. 76 – 83. Disponível em: http://www.accionmotriz.com/documentos/revistas/articulos/10_6.pdf Acesso em: 12 jan. 2015.
17. Confederação Brasileira De Voleibol. Regras oficiais de voleibol 2013 - 2016. Aprovadas pelo 33º Congresso de FIVB de 2012 – 2013. Disponível em: <http://www.cbv.com.br/v1/cobrav/arquivos/REGRAS%20DE%20V%C3%94LEI%20INDOOR%202013-2016%20-%20REVISADA.pdf> Acesso em: 19 mai. 2016.
18. Anfilo MA. A Prática Pedagógica do Treinador da Seleção Brasileira Masculina de Voleibol: Processo de Evolução Tática e Técnica na Categoria Infantojuvenil. Dissertação de Mestrado; 2003.
19. Hírama LK, Joaquim CS, Matos JAB, Montagner PCA. Construção Tática no Voleibol: Ensino pela Compreensão. Conexões, Campinas, 2015, v. 13, n. 4, p. 165-177.
20. Vancelotte MAC, GuimarãesGL, Pacheco Pereira, G. B; Mourão, L. Transformações no Sistema Tático de Ataque do Voleibol. Rev. Acta Brasileira do Movimento Humano –2012, v. 2, n.1, p.15-23.
21. Bunker D, Thorpe R. A Model For The Teaching Of Games In Secondary Schools. Bulletin of Physical Education, Spring, v. 18, n. 1, 1982.
22. Greco, JP. Iniciação Esportiva Universal: Metodologia da Iniciação Esportiva na Escola e no Clube. Belo Horizonte: UFMG, v. 2, 1998.